**Educação *online* e fake news: pesquisando a formação docente em tempos de pandemia[[1]](#footnote-1)**

**Wallace Carriço de Almeida[[2]](#footnote-2)**

**Resumo:** O presente texto é um recorte da tese de doutoramento denominada: “Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas nas redes”, e tem como objetivo apresentar os achados do contexto de uma pesquisa-formação em educação *online* e lançar novas proposições de pesquisa a partir da análise da conjuntura atual da cibercultura e da iminente necessidade de formar docentes para atuar com as mídias em tempos de pós-verdade. Analisamos as implicações da pandemia da Covid-19 em meio as apropriações pelos praticantes culturais, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente para pensar as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas em tempos de crise

**Palavras-chave:** Pesquisa-formação na cibercultura; Docência Online; Fake News; Pandemia

**Introdução**

Investigar como essa guerra de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente manifesta-se da emergência de compreendermos os fenômenos que emergem da cibercultura e suas apropriações pelos praticantes culturais. Posto que o digital em rede é fundante da nossa cultura, é natural que esteja presente nos modos e nos meios de produção, na invenção e reinvenção das práticas cotidianas e na composição de múltiplas invenções humanas que dão sentido a tudo aquilo que circulamos em redes de informações (SANTOS, 2015, 2019).

Através do digital em rede podemos tornar acessível toda a informação produzida no globo, pois agora não há signo que não possa ser absorvido, traduzido, manipulado e transformado (SANTAELLA, 1997, p. 42). Uma vez seduzido pelos signos, o olhar se ocupa na contemplação de novos dispositivos e possibilidades de interação, enquanto outros engendramentos, imbricados nesse processo, promovem “informação” personalizada, alimentam campanhas de marketing digital e atendem semelhantemente ao viés dos estratagemas de mineração e análise de dados. Instrumentos reais de controle de indivíduos, países e nações que atuam através da convergência das mídias sociais.

Se em nosso passado recente essa conjuntura caótica provocou o desgaste do tecido democrático do país, elegendo mitologias de fábulas desmoralizadas, hoje atenta também contra a nossa própria vida ao propor uma distopia de fatos alternativos propagados por fakes sem rosto, bots e algoritmos frios e calculistas para computar mortos como números sem vida em curvas arrumadas para enfrentar a ciência. A atual crise humanitária, decorrente da grave pandemia que assola o mundo, nos leva não somente a uma nova forma de se reconfigurar a vida, como também uma nova forma de se lutar pela sua permanência. Uma luta que chega ao seu patamar mais alto no engajamento de toda a sociedade para o enfrentamento do avanço da viralização da desinformação nas redes.

O país hoje enfrenta duas grandes pandemias: a Covid-19 e as fake news. À semelhança de sua contrapartida viral, a essência da centelha que inflama as redes se reproduz de forma exponencial pela invasão e colonização do controle do vetor humano para a disseminação de notícias contaminadas. O período médio de incubação nas bolhas de vieses é quase instantâneo: emoção à flor da pele e tremor que só passa ao clicar em enviar, desenvolvendo uma espécie de imunidade inversa de rebanho, onde, quanto maior o número de infectados pela notícia falsa, maior seria a resistência à verdade devido à memória ideológica adquirida.

Em perspectiva do enclausuramento pela sobrevivência, da segurança como alternativa à privacidade e da consolidação das redes como única garantia da continuidade das relações humanas, é a educação online que vai garantir a permanência dos contextos formativos nesse novo estado de normalidade.

O esforço que aqui se propõe é no sentido de revelar alguns dos passos que estamos dando no sentido de compreender como a pesquisa-formação em educação online pode contribuir para pensar a formação do docente em tempos de pandemia. Buscando assim perceber como essa nova reconfiguração da realidade do nosso cotidiano, pode nos motivar a viver, sentir, produzir e transformar efetivamente a nossa prática docente em direção ao movimento de um novo fazer pedagógico.

## Uma realidade alternativa e sua tática de confrontamento

Percebendo a singularidade de nosso tempo e a urgente inevitabilidade de lidar com a pandemia social das *fake news*, inspiramo-nos na metodologia de atuação do jornalismo investigativo de verificação de fatos (fact-checking), para fazer-pensar entrelaçamentos e bricolagens de técnicas e táticas cotidianas para o enfrentamento das incertezas.

Entendendo que o papel do professor é criar e arquitetar ambiências formativas, inteligentes e desafiadoras, que preparem as pessoas para o exercício da cidadania (SANTOS, 2018), partimos do pressuposto que é nossa responsabilidade formar docentes para o ciberativismo social em tempos de pós-verdade. Articulando intencionalidade pedagógica e letramentos cotidianos para convergir, nos mesmos aplicativos que protagonizam em nossos dispositivos móveis a avalanche de desinformação, ambiências formativas que nos ajudem a potencializar a autoria (BACKES, 2012) dos praticantes culturais em atos de aprendizagem colaborativa (TORRES, 2007) em busca de viralizar a verdade. A concepção de um docente ciberativista ou de um ciberativismo docente parte da implicação do mesmo com a causa e o interesse de mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço (LEMOS, 2003, p. 2). Aplicando a nossa própria experiência de ativismo nas redes como praticante cultural e dialogando com os outros interlocutores, praticantes da disciplina Informática na Educação do curso de pedagogia a distância da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) / Consórcio CEDERJ, estamos no síncrono e no assíncrono nos autorizando no uso de aplicativos, nas redes e nas práticas educativas, incorporando a linguagem e a convergência das mídias para *fazerpensar* a prática docente em tempos de cibercultura e em uma perspectiva de combate às *fake news* e a política da pós-verdade. Mobilizando práticas de mediação e letramento em diálogo com um desenho didático interativo e aberto que tem como proposta a bricolagem de uma diversidade de dispositivos de pesquisa-formação, a saber: (a) as invenções e reinvenções do cotidiano das aulas da disciplina no Moodle; (b) a criação e manutenção de um repositório *online* de notícias confiáveis (onde docentes e discentes *fazemaprendem* como atuar no confrontamento de histórias com dados), pesquisas e registros; (c) a aplicação de inteligência artificial na atuação direta (através de um *chatbot* que verifica a veracidade de notícias) e indireta (com a criação de um *bot* que pesquisa, nas publicações de notícias nas redes, a incidência de notícias falsas respondendo com a informação fatual verificada). Assim fizemos buscando compreender como os docentes em formação percebem o fenômeno das *fake news* em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo? Como desenvolver em nossa prática uma metodologia de fact-checking que nos permita identificar, combater e propor um contradiscurso as *fake news*? Como a pesquisa-formação na cibercultura, em especial no uso de aplicativos, pode contribuir para pensar a formação do docente na era da pós-verdade? Os primeiros achados se encontram descritos a seguir.

**Pesquisando a formação docente em tempos de pandemia**

 Iniciamos os primeiros ensaios com o desenho didático ainda no dia 2 de fevereiro de 2020. O contexto da disciplina era o mesmo de outros semestres, com mediadores e discentes atuando coletivamente em busca de compreender como podemos “educar em nosso tempo”. O momento da primeira aula da disciplina tem como intenção primordial introduzir o contexto da cibercultura e seus fenômenos, buscando dialogar como podemos tensionar e intencionar práticas educativas em sintonia com a contemporaneidade. A existência de uma disciplina cujo foco se situa no estudo da aplicabilidade de dispositivos informáticos nos processos educacionais se torna cada vez mais relevante, principalmente em um curso não presencial, principalmente pela oportunidade de vivenciar na prática uma formação docente em completa sintonia com a cibercultura. Uma vez que a interface universidade/cidade/ciberespaço, se hibridiza e se confunde no interstício das relações e trocas com o saber na multiplicidade de frentes de atuação e situações desses praticantes em seu cotidiano de aprendizagem. Segundo dados do último CensoEAD.BR, da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) realizado em 2018, percebe-se que de todas as matrículas realizadas em cursos de graduação disponíveis no Brasil em modalidade de EAD, 76,3% estão nas faixas entre 26 e 30 anos (39,3%) e 31 e 40 anos (37%), e geralmente escolhem essa modalidade pela flexibilidade de horário e pela possibilidade de continuar exercendo outras atividades relativas o mercado de trabalho. Uma perspectiva interessante que revela como é importante criar ambiências formativas significativas na formação desses futuros docentes, uma vez que ao adotar metodologias de *aprendizagemensino* implicadas com o contexto das tecnologias digitais em rede (naturais da própria vivência desses discentes) podemos romper ainda mais com o paradigma de resistência do docente às mudanças culturais e metodológicas que nos é constantemente atribuído, tornando ainda mais relevante o nosso empreendimento de pesquisarmos nesse contexto a aplicação de novas práticas educativas. Na intencionalidade pedagógica de formar educadores ciberculturais em tempos de pós-verdade, sugerimos na segunda aula que os praticantes da disciplina mobilizassem letramentos midiáticos ao sintetizar de forma visual o funcionamento dos algoritmos e das bolhas de filtro (filter bubbles) de modo a compreender como eles definem a forma como obtemos e consumimos informações na internet ao produzir capturas de termos específicos que deveriam ser pesquisados por todos os alunos dos polos da disciplina, que compreendem os municípios de Angra dos Reis, Belford Roxo, Itaguaí, Magé, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, Resende, Rocinha, São Pedro e Três Rios. Essas narrativas e imagens geograficamente situadas seriam fundamentais para que os praticantes percebessem que mesmo que estejam conectados em perspectiva de rede, os seus resultados não representam a uniformidade da informação. De acordo com Parisier, isso acontece porque as bolhas de filtro são o “código básico no seio da nova internet”, examinando tudo aquilo de que aparentemente gostamos para tentar fazer extrapolações.

São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISIER, 2012. p. 11)

Partindo assim do mapa de bolhas do Google, cocriamos em outras atividades que trabalhassem nos aplicativos uma compreensão mais aprofundada acerca do funcionamento desses algorítimos de previsão em momentos comuns de nosso cotidiano, através de jogos (usando o aplicativo Akinator), da percepção coletiva de fontes seguras de informação (usando aplicativos de nuvens de palavras) e do debate (nos fóruns do Moodle) acerca da vivência em um mundo efetivamente customizado pelo do fenômeno. À época dos fatos fomos surpreendidos pela confirmação, pelo ainda ministro da saúde, do primeiro caso de Covid-19 no estado de São Paulo. Um homem de 61 anos que testou positivo para o vírus após retornar de uma viagem para a Itália. Vivendo o contexto inicial de surpresa e confusão devido ao desencontro de informações oficiais e os primeiros atos negacionistas do Governo Federal, vimos ainda em março as primeiras medidas preventivas entrarem em ação através de governadores e prefeitos com a suspensão imediata das aulas presenciais em escolas e universidades estaduais como também da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino (Andifes) coordenando protocolos de segurança em universidades e institutos federais.

Em resposta, o então ministro da educação, sugeria que se mandassem as aulas para os alunos, de qualquer jeito, pedindo que os professores disponibilizassem “e-mail, YouTube e Skype”, mas a solução apresentada não era inviável tanto em escolas como universidades. A realidade de anos de negligência e sucateamento das universidades públicas brasileiras, denunciavam o desconhecimento do ministro dos desafios enfrentados pela comunidade acadêmica, como a falta de internet e de dispositivos disponíveis nas universidades e nas casas de alguns dos professores para que possam fazer os planejamentos e principalmente a indisponibilidade de dispositivos e conexão na casa dos estudantes da rede pública para que possam acompanhar as aulas em casa.

Nesse contexto adverso, os praticantes da disciplina Informática na Educação do curso de pedagogia a distância da Universidade do Estado do Rio de Janeiro se viram em uma situação inusitada, uma vez que, enquanto todas as universidades estavam declarando a suspensão do calendário letivo as aulas do consórcio CEDERJ, que já aconteciam em ambiente online, permaneceriam ativas em todas as unidades encerrando-se somente o atendimento nos polos e as avaliações presenciais.

Assim, foi preciso reestruturar o atendimento nos fóruns e nas salas de tutoria entendendo que essa nova realidade apresentava outros desafios que não estavam previstos na concepção inicial do desenho didático. Uma vez que, a cidade não estava mais acessível, teríamos que habitar com ainda mais intensidade o ambiente virtual de aprendizagem, garantindo a experiência e a existência desses praticantes no ciberespaço articulando os usos dos dispositivos móveis como a nova principal forma de contato no mundo digital pós-pandemia.

Uma sala de aula online não é apenas o conjunto de ferramentas infotécnicas, mas também um ambiente que se auto-organiza nas relações estabelecidas pelos sujeitos com os objetos técnicos que interagem e afetam-se mutuamente ao longo do processo de construção do conhecimento. **Nesse sentido, é preciso que o desenho didático contemple uma intencionalidade pedagógica que garanta a Educação Online como obra aberta, plástica, fluida, hipertextual e interativa. Caso contrário, repetirá práticas próprias da pedagogia da transmissão** (SILVA, 2009, pg. 6, grifo nosso)

Em meio a polaridade de informações levantadas nas redes no início da pandemia no Brasil, percebemos que o debate acerca do surgimento do vírus, das formas de combate e disseminação, dos métodos de cura e prevenção, do contexto político e do negacionismo em contraste com a divulgação cientifica e a defesa das universidades públicas como centros fundamentais de pesquisa, surgem os primeiros sintomas da infodemia que iria alimentar a propagação de algoritmos e bots em busca de manipular, agora, a opinião pública em nome de bandeiras patronais e econômicas.

Segundo documento publicado pela OPAS (Organização Pan-americana da Saúde) em conjunto com a OMS, a infodemia é “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p. 2) que se alastra nas redes como o próprio vírus causando o levantamento de rumores e desinformação, buscando manipular informações e indivíduos de modo a afetar processos de tomada de decisões sobre qualquer assunto sem de fato olhar as evidências. Em outras palavras, temos uma situação global onde muitas informações estão sendo produzidas e compartilhadas entre bilhões de pessoas. Quantas dessas informações são corretas? Não muitas.

Da necessidade de se discutir o assunto das fake news e da nova perspectiva infodêmica de desinformação, iniciamos a aula 3 tratando do tema de uma notícia falsa que relacionava boatos de supostas mortes acidentais sendo computadas como Covid-19. Para iniciar o debate acerca dessa nova faceta de manipulação da informação buscávamos compreender e empreender, na prática, novas táticas de confrontação do fenômeno.

 Para evitar que a disseminação dessas afirmações sem verificação ajudassem a confundir ainda mais o debate acerca dos acontecimentos e principalmente das medidas de segurança que estavam sendo tomadas no estado do Rio de Janeiro, sentimos que era necessário ampliar o contexto das discussões que tínhamos até então no coletivo para envolver esse novo momento que invadia os fóruns, as produções e as inquietações dos praticantes da disciplina. Não somente para *fazercompreender* uma metodologia de verificação de fatos (fact-checking) que nos permisse identificar, combater e propor um contradiscurso as fake news como também, agora, impedir a condenação e a banalização de vidas humanas por meio da desinformação à exposição insensata ao vírus.

Em meio as ressonâncias desse movimento os praticantes da disciplina começaram a responder com produções carregadas de autoria crítica e política, convergindo lógicas e contextos formativos em práticas individuais e coletivas, documentando em narrativas e imagens que demonstravam seu processo formativo.

Desenvolvemos com os praticantes uma nova perspectiva informacional ao cocriar com eles um novo olhar acerca das mensagens que são omitidas nos discursos inflamados. Ao simular experiências de verificação de notícias, fundamentadas apenas em conhecimento empírico previamente estabelecido, propomos que os praticantes enumerassem e analisassem notícias disponíveis na internet sem o suporte de consulta digital, intencionando gerar outros letramentos que arremetessem contra o conforto de se confiar a outras fontes de informação a tarefa de verificação. Tendo como base, unicamente os próprios conceitos e valores pré estabelecidos para analisar a construção da notícia temos a oportunidade de questionar nossa própria visão de mundo, de sociedade e de como nos identificamos nela.

As produções realizadas nesse momento formativo revelaram o quanto é importante a concepção desse letramento, uma vez que, nas palavras das próprias praticantes: “somos responsáveis pelo que compartilhamos”, “a pressa não nos permite ver os pontos contraditórios”, “que quem dissemina fake news está munido de diversos atrativos para nos fazer crer que a notícia é verdadeira” e sobre a importância de “refletir sobre os conhecimentos adquiridos” uma vez que se faz necessário sempre “ter uma visão mais analítica sobre determinado assunto ou matéria”

Em tempos de abertura e democratização do polo de emissão (LEMOS, 2008), pensávamos que transpiraríamos a cibercultura e viveríamos o auge da coletivização da informação para reconstruir meios de comunicação mais plurais e justos que possibilitariam uma maior identificação dos discursos com os contextos produzidos, mas o que temos percebido é o avanço cada vez mais veloz da alienação proposta pela filtragem dos algoritmos e das bases ideológicas, dos provedores de acesso e conteúdo, isolando a humanidade em muros digitais, bolhas e processos de colonialismo cultural.

Desse modo era preciso que nós, como docentes e pesquisadores em formação, tomássemos para nós a responsabilidade de não mais nos ausentarmos do debate político, uma vez que essa atitude (também política) nos torna também reféns do discurso enredador das mídias de maquinação dos gabinetes do ódio, tão populares em nosso país. Essas emissoras que vivem da alimentação de publicações criminosas que são compartilhadas nas redes buscando confundir e manipular a opinião pública, inclusive em temas relacionados a educação. Uma estratégia que tem se mostrado muitas vezes mais efetiva que a mera utilização de bots para propagar memes e correntes, uma vez que esses novos arranjos, ainda que em metodologia similar, buscam produzir agora contextos significativos de identificação, tão característicos de quando humanos agem levados apenas pelos seus sentimentos, preconceitos e crenças.

Isso tudo não revela outra coisa senão a crise de valores provocada, entre outros fatores, pela sobredeterminação que a emoção exerce na racionalidade humana, pela ausência do debate público e de formas de consenso que as redes sociais pulverizaram, em suma, problemas que o ajuste de algoritmos, por si só, não consegue resolver e que, ao fim e ao cabo, evidenciam o sintoma maior, para o qual muitos especialistas têm chamado atenção: o desfalque das democracias representativas.(SANTAELLA, 2018, p. 39)

No resgate desses dilemas que todos agora estávamos vivendo e na proposição de um dispositivo coletivo, onde todas essas produções poderiam gerar e responder novas perguntas que não cabiam somente no contexto dos praticantes da disciplina, decidimos por ostentar essas táticas para destacar, em contextos pessoais dos praticantes: a viralização da verdade dos fatos, a contextualização dos discursos, o desmonte das manipulações para o levante de um contradiscurso capaz de difundir nas redes a nossa primeira experiência relevante de expressão política engajada.

Entendendo que a transformação da obscuridade, em vias de disrupção, precisa passar pela construção de iniciativas que permitam que a autoria ativista possa ter seu lugar na formação do educador para que este possa também atuar com segurança, na interface cidade-ciberespaço de forma a expandir o lugar de fala, ou seja a legitimidade, dos discursos democráticos, da verdade fatual e a credibilidade das fontes é que publicamos o dispositivo Reglus, como a nossa proposta de uma prática pedagógica inspirada na cibercultura para consolidar os achados da bricolagem da nossa diversidade de dispositivos de pesquisa-formação.

**Reglus, uma proposta formativa de ação coletiva**

O nome Reglus foi escolhido como uma homenagem ao grande educador e filósofo brasileiro Paulo Reglus Neves Freire em um levante à onda conservadora que busca censurar as vozes dos professores e alunos e que, agora, pretende desmoralizar a pedagogia de Paulo Freire. A alfabetização, para Freire, não era apenas um processo técnico de aprendizagem da linguagem escrita. A problematização do cotidiano e das relações de poder que se estabelecem nele tem peso fundamental, pois a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Tal argumentação apresenta uma das contribuições elementares de sua pedagogia que o levou ao posto de patrono da educação brasileira. Desse modo, nos inspiramos em sua vida e missão para atuarmos nessa nova perspectiva de educação midiática desses docentes pelo ciberespaço.

O Reglus é a nossa proposta de solução em busca de responder aos/com nossos praticantes: como podemos distinguir notícias falsas de fatos verificados? Com a cibercultura, a forma como buscamos e consumimos informação mudou drasticamente, assim como a forma como verificamos e avaliamos as fontes dessas informações. Entendendo que precisamos aprender a identificar e pensar criticamente nesses novos espaços de produção de informação é que desenvolvemos essa iniciativa. O Reglus é a plataforma onde culminam todas as práticas de produção com os dispositivos da pesquisa.

O convite para a primeira experiência efetiva de atuação como verificador de fatos surge então no segundo momento da aula 3. Em um fórum específico os praticantes receberam a responsabilidade de encontrar uma notícia que seja de caráter duvidoso (que fosse facilmente acessível de forma digital) na internet, para produzir um texto dissertativo-argumentativo. A proposta solicitava que, como autores de um processo investigativo, eles deveriam verificar a procedência da notícia (origem, produção, fundamentação) e defender (ou não) aquele ponto de vista, utilizando fatos e argumentos, para classificar o conteúdo em uma das seguintes categorias: verdadeiro, impreciso, exagerado, contraditório, insustentável, distorcido ou falso.

O texto deveria ser então encaminhado para análise da mediação, acompanhando uma pequena narrativa do processo analítico para ser debatido pelos outros praticantes em movimento de troca de experiências, partilha de estratégias e autorias colaborativas. A praticante Aline comenta: “é impressionante como algumas pessoas fazem uso até de imagens para disseminar inverdades...” “...até fotos precisamos questionar, pois, quando se trata de uma imagem temos a tendência a confiar mais” e recebe a resposta de Amanda: “Aline, o Google imagens pode ser uma boa opção para fazer *upload* da foto e procurar por outras versões”. Em outro momento a praticante Joana comenta: “com a facilidade do compartilhamento de informações no uso das redes sociais qualquer pessoa pode criar o seu canal sem se preocupar com a checagem das informações” e é respondida por Ana, que diz: “olá, Joana. Realmente a disciplina contribuiu demais no meu posicionamento ao me informar. É interessante saber que em meio a tantas notícias falsas temos um auxílio para fazer a checagem de fatos” sendo complementada ainda por Alana, que afirma que: “a disciplina despertou um melhor entendimento sobre a importância de verificar as fontes que os veículos de comunicação usaram para transmitir a informação. Mesmo que seja um veículo de renome e reputação, verificar a autenticidade dos dados nunca foi tão essencial como nos dias atuais”.

São momentos como esses que demonstram como uma perspectiva ciberativista na formação de professores pode resultar em movimentos de autorização crítica e reflexiva da prática docente. O crescente uso das mídias sociais pelos docentes pode proporcionar o encadeamento de fatores propícios para o surgimento de contextos de revolução, o que explica a ação tão intensiva de práticas de proibição e censura das redes de comunicação em regimes totalitários. Apesar disso, os manifestantes sempre criam novas táticas para contornar essas situações, seja pela utilização de redes privadas de compartilhamento (*deep web*) ou pela utilização de aplicativos de terceiros que possibilitem a comunicação.

Alguns discursos acadêmicos, políticos ou artísticos acreditam que as formas de comunicação eletrônica da cibercultura possam efetivamente favorecer a ação social engajada, os movimentos sociais legítimos e romper com a apatia e o narcisismo contemporâneos. A Internet não serve hoje apenas como forma de expressão do “mundo da vida”. Diversas ações ao redor do mundo mostram que formas de expressão política engajada (a partir de problemas globais e locais) surgem, são suportadas e expandem-se na internet. Estamos falando de diversas expressões do que se chama hoje de ciberativismo (LEMOS, 2003, p. 2).

Ao focar na produção de culturas, saberes e conhecimentos pelos praticantes da pesquisa, situamos a nossa opção metodológica de pesquisa no âmbito da pesquisa-formação na cibercultura acreditando que, segundo Santos (2015, p. 9; 2019, p. 19), o processo de ensinar e pesquisar parte do “compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores pela mediação das interfaces digitais concebidas como dispositivos de pesquisa-formação”.

Pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa. Fazer pesquisa na cibercultura não é, para nós, apenas utilizar softwares para “coletar e organizar dados”. (SANTOS, 2015, p. 10; 2019, p. 20)

No momento atual da pesquisa, estamos atuando na disponibilização do primeiro dispositivo concreto do projeto Reglus para a sociedade, tendo como função prática a utilização todo o conteúdo produzido no âmbito da pesquisa, narrativas e imagens de notícias que já foram verificadas pela aplicação coletiva dos praticantes da disciplina, para alimentar um banco de dados de uma base de consulta e referência para que um *chatbot* baseado em linguagem natural possa efetivamente responder aos usuários do Facebook, do Messenger, do WhatsApp e do Twitter, a partir de palavras-chave, se uma determinada notícia é verdadeira, imprecisa, exagerada, contraditória, insustentável ou falsa e, caso a mesma não tenha sido ainda analisada pelos nossos praticantes, uma opção de cadastramento de notícias pode ser acessada para enviar a notícia para verificação.

Promovemos essas iniciativas acreditando que são experiências formativas como essas, que vão nos permitir compreender como o empoderamento dos praticantes pelos meios de produção e emissão (aplicativos, mídias sociais e inteligência artificial) de informação, potencializado aqui pelo recurso discursivo das diretrizes de checagem de fatos, pode mobilizar vivências efetivas de educação midiática.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO e o Instituto Palavra Aberta, a educação midiática é o “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos — dos impressos aos digitais”. Essa perspectiva, que segundo a organização é tida como “um requisito fundamental para a formação do cidadão e para o fortalecimento da democracia”, encontra também correspondência no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desde o ano de 2017, na perspectiva de que são competências da educação midiática o ato de “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais”.

Essas práticas não devem ficar restritas apenas ao âmbito da formação básica uma vez que para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva precisamos analisar os processos humanos e automáticos de curadoria que operam nas redes sociais. Além de outros domínios da internet, onde quer que entendemos que a nossa prática de produção de atos de currículo nessa pesquisa possa atender a perspectiva de “ampliar as possibilidades de trato com o diferente e minimizar o efeito bolha e a manipulação de terceiros”.

Pois, ainda que não possamos crer em uma completa neutralidade da rede e de seus dispositivos, não podemos nos ater apenas ao que se tem feito em contextos nocivos. O termômetro da sensatez e da inovação pode nos ajudar a perceber novas e libertadoras maneiras de idealizar projetos e descobrir o que os seres humanos podem criar com eles. Para isso investimos em aprendizagem, interação, mediação e produção de dispositivos para mobilizar outros contextos em que o investimento e a autorização dos sujeitos, sejam potencializados pelo sentimento de pertencimento, de colaboração, de cidadania e da democracia.

Como docentes entendemos e reconhecemos a necessidade de se aprender a viver e a lutar pela manutenção da verdade dos fatos, como praticantes da cibercultura, devemos ser capazes de empreender novas práticas, novas formas de se expressar, mesmo que em oposição, articulando sempre em autoria criadora para gerar no imaginário coletivo, uma nova construção do saber.

Essas questões tornam-se cada vez mais urgentes, principalmente com a emergência da cibercultura. Além de conhecer a dinâmica dos processos comunicacionais, como são produzidas as mensagens circuladas? Quais os interesses dominantes? Cabe ao trabalho docente não só fazer a crítica aos meios, mas sobretudo arquitetar situações e ambiências para a produção desses meios. A cibercultura desafia o currículo e os professores para o exercício de autorias coletivas com seus alunos, pois, ao contrário das mídias de massa, através da internet, cada espaço ou cenário de aprendizagem pode se constituir como uma agência de notícias. (SANTOS, 2005. p. 58)

Assim constituímos a nossa própria agência de notícias visando promover canais de participação autênticos. Através dessa nossa iniciativa, docentes e discentes são convocados para organizar um movimento, em busca de difundir opinião e informação, agregar pessoas, promover ações físicas e eletrônicas na cidade e no ciberespaço, expressando o seu olhar e viés acerca dos sufocamentos acerca dos contextos e desafios cotidianos. Utilizando as redes para difundir a verdade da informação, mobilizar e motivar pessoas, propor ideias e ações (LEMOS, 2008). Essa é a nossa esperança, uma esperança alicerçada em experiências formativas em busca de gerar um movimento social de mudança.

As primeiras publicações produzidas no contexto da pesquisa já se encontram disponíveis para acesso público na página do Reglus[[3]](#footnote-3). Esses dados denotam os primeiros achados em busca de responder: como desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade, tendo como suporte essencial para a sua luta as novas tecnologias do ciberespaço? A resposta está orientada em perceber como podemos dominar os dispositivos em busca de fazer a verdade viralizar. (SINGER, 2020)

Os trabalhos ali compilados representam a verdade dos fatos acerca do número de mortos por Covid-19, de teorias negacionistas alimentadas por supostas fraudes em caixões, de golpes relacionados a liberação do auxílio emergencial, de rumores infundados de que a China teria criado o vírus e a pandemia, de que alguns medicamentos (e terapias não ortodoxas) teriam a capacidade de curar pacientes e, entre tantas outras manipulações, a notícia de que hospitais estariam vazios, mesmo com todo o alarde da imprensa para o avanço da pandemia. Notícias como essas, que inundam nossas redes desde o início do ano e seguem cada vez mais fortes no imaginário coletivo, servindo ao propósito de influenciar e confundir as decisões individuais, institucionais e até mesmo governamentais afetando todo o coletivo social de todas as vidas implicadas no processo.

**Conclusão**

Apesar do contexto de crise existencial da verdade e da proliferação de mecanismos de manipulação da opinião pública através da atuação coordenada de ação de propagação de políticas ultrapartidárias. Da atual necessidade de se combater a desinformação em torno do novo Coronavírus e de conscientizar a sociedade sobre a importância das medidas de isolamento social no momento em que ultrapassamos mais de 90 mil vidas brasileiras ceifadas pelo vírus, percebemos que mais do que nunca, que as mobilizações aqui apresentadas, se fazem cada vez mais necessárias, uma vez que as narrativas de flexibilização e reabertura do comércio e das escolas continuam a ameaçar nossa vida.

Em face dessa nova cultura infodêmica e desse novo campo de embate, onde a omissão da discussão pode estatizar o negacionismo da necropolítica. A bandeira da valorização da ciência, hasteada por tanto tempo a meio-mastro, como que em luto pela marca do sucateamento e pelos desmontes da educação pública, precisa agora ser resgatada para ser conduzida ao mais alto escalão do debate social.

Inspirado por essas experiências vividas e apresentadas nesse texto, vemos ainda uma luz que aponta em direção a compreender como o empoderamento dos praticantes, potencializado aqui pelo recurso investigativo da verificação de fatos, pode proporcionar e compreender experiências formativas de expor problemas e dispor de soluções na perspectiva de transformação da própria realidade e na iniciativa de gerar interferência no senso comum em uma profunda reflexão a respeito de si próprio e do universo que nos constitui enquanto seres críticos e conscientes.

A docência na cibercultura proporciona oportunidades de múltiplas experimentações e expressões, provocando situações de inquietação criadora e mobilização de vivências com conhecimento através da interatividade em sala de aula (SILVA, 2009). Nesse contexto de enfrentamentos, o papel docente é essencial para a construção de sua própria perspectiva crítica como também para mediar efetivamente todo o processo crítico formativo dos praticantes.

Todos precisam estar envolvidos nesse processo de reconquista do lugar da verdade, mobilizando letramentos individuais e coletivos que nos ajudem a perceber como, onde e quando os discursos são produzidos. Esse deve ser o nosso principal objetivo. Gerar um processo formativo compreendido pela abstenção das práticas reativas para a discussão do ato como potência. Em um ambiente onde múltiplas vozes se levantam é preciso que alguém que saiba bricolar dispositivos, plataformas, oportunidades e experiências em busca de legitimar os fatos e os movimentos sociais democráticos. Desse modo, o ato de educar se torna cada vez mais necessário, emancipatório e inclusivo, na medida que educar na cibercultura, é mais do que nunca, um ato político.

**Referências**

ALMEIDA, Wallace. **Atos de Currículo na Perspectiva de App-Learning**.2018. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rj, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/dissertacaowallace>. Acesso em: 29 jul. 2020.

\_\_\_\_\_\_.; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Perspectivas de autoria em práticas de APP-Learning**. Educação & Linguagem, [s.l.], v. 22, n. 1, p.95-118, 29 jul. 2019. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: [http://bit.ly/perspectivasaut](http://bit.ly/perspectivasaut%20). Acesso em: 29 jul. 2020.

\_\_\_\_\_\_.; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura**. Educação em Foco, v. 25, n. 2, p. 130-147, abr. 2020. Editora UFJF. Disponível em: <https://bit.ly/dememesafakenews>. Acesso em: 29 jul. 2020.

\_\_\_\_\_\_.; SANTOS, Edméa Oliveira dos; OLIVEIRA, Rosana; TEIXEIRA, Mônica; YORK, Sara; SANTOS, Cíntia; **Fact-checking + Educação: com o dispositivo de pesquisa Reglus**. 2020. (2h23m31s). Disponível em: <https://youtu.be/yeeVxJM2PCc>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BACKES, Luciana. As manifestações da autoria na formação do educador em espaços digitais virtuais. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 17, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: http://bit.ly/autoriabackes. Acesso em: 25 mai. 2020.

LEMOS, André. **Ciberativismo**. In: Correio Brasiliense, 15 nov. 2003. Caderno Pensar. Disponível em:<https://bit.ly/ciberativismolemos>. Acesso em: 25 mai. 2020.

\_\_\_\_\_\_. **Mídia locativa e território informacional**. SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (Org.). Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008.

OPAS, **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. Washington, D.C: Organização Pan-Americana da Saúde, v. 5, 30 abr. 2020. Disponível em: https://bit.ly/opascovid. Acesso em: 29 jul. 2020.

PARISIER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 252 p.

SANTAELLA, L. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, D. A arte no século XXI. São Paulo: UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_\_. **A Pós-Verdade É Verdadeira ou Falsa.**Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. 98 p.

SANTOS, Edméa. **Educação Online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente.** 2005. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em:<http://bit.ly/tesedmeasantos1>. Acesso em: 2 mar. 2020.

\_\_\_\_\_\_. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2015. 204 p. Disponível em:<http://amzn.to/persquisafor2015>. Acesso em: 2 mar. 2020.

\_\_\_\_\_\_. **Cibercultura é importante para a formação de professores em ambiente digital: educação online não é evolução da educação a distância.** Educação online não é evolução da educação a distância. 2018. Disponível em:<http://bit.ly/ciberformacao>. Acesso em: 2 mar. 2020.

\_\_\_\_\_\_. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2019. 223 p. Disponível em:<http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 2 mar. 2020.

TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eurek@Kids. **Cadernos Cedes**, [s.l.], v. 27, n. 73, p.335-352, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO).

SILVA, Marco. **Formação de professores para a Docência Online**. Braga: Universidade do Minho, 2009

\_\_\_\_\_\_. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Loyola, 2010

SINGER, Peter. In: BARBOSA, Mariana. "Guerra de Likes": Precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar. In: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e Fake News: reflexões sobre a guerra de narrativas.**reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro, Rj: Editora Cobogó, 2019. p. 97-107. Entrevista com Peter Warren Singer.

1. Apresentado ao GT 1 no Encontro Virtual da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - PPGEduc UFRRJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd UERJ, atuo como Professor de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) e Mediador da disciplina Informática na Educação, do curso de Pedagogia a distância da UERJ, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) / Consórcio CEDERJ. [↑](#footnote-ref-2)
3. Conheça a nossa proposta em: <http://reglus.me> [↑](#footnote-ref-3)